 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 065. Trajetórias de acadêmicos indígenas, negros e quilombolas: impactos presentes e perspectivas de futuro

Ugo Maia Andrade (Universidade Federal de Sergipe) - Coordenador/a, Osmundo Santos de Araújo Pinho (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) - Coordenador/a, Florêncio Almeida Vaz Filho (UFOPA) - Debatedor/a, Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (Programa Pós-Graduação Estudos Étnicos e Africanos; Programa Pós-Grdauação em Ciências Sociais) - Debatedor/a O acesso ? universidade suscitou novas perspectivas para segmentos socialmente minorit?rios, a exemplo de ind?genas e quilombolas, e mesmo negros (pretos e pardos) urbanos, cujos indiv?duos ascenderam ao ensino superior como realiza??o pessoal e/ou estrat?gia coletiva. Todavia, se ainda persistem in?meros obst?culos ? sua perman?ncia na academia, percursos acad?micos de ?ndios, negros e quilombolas t?m sido constru?dos na contram?o das adversidades. Pretende-se reunir, neste GT, comunica?es atentas aos efeitos dessas trajet?rias sobre coletivos ind?genas, negros e quilombolas, buscando-se responder a quatro quest?es b?sicas: [1] at? que ponto o acesso ? universidade p?blica tem auxiliado na consolida??o/forma??o de uma autonomia e protagonismo ind?gena, negro e quilombola em um cen?rio de deteriora??o gradual de direitos? [2] Em que sentido a produ??o acad?mica e pol?tica desses atores sociais tem feito diferen?a em rela??o ao que, antes, j? se produzia? [3] Quais os novos olhares e perspectivas trazidos por estes novos intelectuais ind?genas/quilombolas/negr@s? [4] Que repercuss?es t?m sido produzidas, nos coletivos de origem, pela ascens?o de ind?genas e quilombolas/negr@s ao ensino superior em n?veis de gradua??o e p?s-gradua??o?

Cultura Escolar Agrícola e Educação Escolar Indígena: vivências dos alunos Xakriabá no Instituto Federal Goiano ? Campus Urutaí - GO

Autoria: Ranna Iara de Pinho Chaves Almeida

O fenômeno da educação escolar indígena inicia-se no Brasil já no período colonial com a intervenção dos padres jesuítas em territórios indígenas e continua até os dias atuais tendo o marco a promulgação da Constituição de 1988 como um divisor de águas na compreensão o sujeito denominado indígena com o fim da tutela institucionalizada por meios legais. Na história do contato a escolarização aparece como uma das camadas que faz mediação no que tange ao contato interétnico. A escola é uma instituição que possui um conjunto de normas, hábitos e vivencias que permeiam o imaginário e o dia-a-dia daqueles que já a conhecem, nos levando a ideia de que a instituição escolar também pode possuir uma cultura própria. Cultura escolar é um conceito mobilizado pela área de estudo da educação como ferramenta de análise do conjunto de ideias, princípios, critérios, normas e práticas sedimentadas ao longo do tempo das instituições educativas (VIÑAO FRAGO, 2000). A cultura escolar local gera uma linguagem própria, uma comunicação entre os sujeitos atuantes na escola: alunos, professores, servidores. Essa linguagem, se manejada da forma correta permite a entrada dos alunos no mundo do saber e do conhecimento, os distinguindo dos outros (BOURDIEU, 2007). Tudo isso é mediado pela cultura letrada (LAHIRE, 1997) o que pode vir a gerar uma barreira para aqueles que adentram este espaço escolar sem se apropriar desta técnica de manejo do mundo (LUCIANO, 2011). Buscando compreender os modos como a cultura escolar é construída/modificada ao longo do tempo e como a presença de alunos indígenas em uma instituição escolar que possui cursos que englobam o Ensino Médio, Técnico e Superior age sobre essa edificação, propõe-se aqui analisar o caso

 ISBN: 978-85-87942-61-6

particular de alunos indígenas da etnia Xakriabá que se deslocam de suas aldeias no município de São João das Missões (Norte de Minas Gerais) para estudar no Instituto Federal Goiano ? Campus Urutaí (localizado no sudeste goiano). Para tanto mobiliza-se a própria história da instituição escolar, que nos termos de Issa (2014) possui uma ?cultura escolar agrícola? devido a sua própria constituição e a ?cultura? dos alunos Xakriabá, um dos povos que primeiro aderiu a escolarização no estado de Minas Gerais. É nesse cenário que o work de etnografar a rotina de alunos, professores e servidores aparece como uma ferramenta que possibilita analisar as mudanças e permanências no que tange a cultura escolar local ao longo dos anos e nos possibilita compreender pelo menos em parte os avanços e desafios desse encontro.

Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**